

“POR UMA ESCOLA GORDA!”: difrações a partir do ativismo e estudos do corpo gordo

Will Paranhos
Maria Luisa Jimenez-Jimenez

Resumo

O presente artigo objetiva propor um exercício difrativo que parte das experiências des autories enquanto corpos gordas em período escolar, e emaranha-se com os estudos do corpo gordo e com o ativismo gordo, a fim de pensarmos em possibilidades de teorização que instrumentalizem o estar-fazer na/a/com a escola. Identifica-se, em um primeiro momento, vários aspectos que levam a pensar como a gordofobia é uma violência estruturada na sociedade e, em decorrência, institucionalizada na educação. Posteriormente, propõe-se uma análise difrativa em torno do *bullying*, fenômeno complexo que indica a violência no contexto escolar, mas que, em face de suas fragilidades e de um uso indiscriminado, inscrito em uma lógica universalista, acaba por apagar formas de violência que necessitam ser nomeadas, assegurando suas especificidades. Por fim, numa espécie de manifesto, criam-se conexões a partir dos *estudos do corpo gordo*, do ativismo gordo, dos feminismos negro, gordo e cuir, além de outras perspectivas ontoepistemológicas, pensando em possibilidades que visem orientar na construção de uma prática educacional voltada à alteridade e à(s) diferença(s).

Palavras-chave: estudos do corpo gordo; gordofobia; *bullying*; escola gorda; diferenças.

“FOR A FAT SCHOOL!”: diffractions from activism and fat body studies

Abstract

This article aims to propose a diffractive exercise that starts from the authors' experiences as fat bodies during school years and entangles itself with studies of the fat body and fat activism, in order to think about possibilities of theorization that instrumentalize be-do at/the/with the school. Initially, several aspects are identified that lead us to think about how fatphobia is a structured violence in society and, as a result, institutionalized in education. Subsequently, a diffractive analysis is proposed around bullying, a complex phenomenon that indicates violence in the school context, but which, given its weaknesses and indiscriminate use, inscribed in a universalist logic, ends up erasing forms of violence that need to be named, ensuring their specificities. Finally, in a kind of manifesto, connections are created from *fat body studies*, fat activism, black, fat and caring feminisms, in addition to other onto-epistemological perspectives, thinking about possibilities that aim to guide the construction of an educational practice focused on alterity and difference(s).

Keywords: fat body studies; fatphobia; bullying; fat school; differences.

“POR UNA ESCUELA GORDA!”: difracciones del activismo y estudios del cuerpo gordo

Resumen

Este artículo tiene como objetivo proponer un ejercicio difrativo que parte de las experiencias de autores como cuerpos gordos en la escuela, y se entrelaza con estudios sobre el cuerpo gordo y el activismo gordo, para pensar posibilidades de teorización que instrumentalicen el ser-hacer en la escuela. Se identifica, en un

primer momento, varios aspectos que llevan a pensar cómo la gordofobia es una violencia estructurada en la sociedad y, por tanto, institucionalizada en la educación. Posteriormente, se propone un análisis difractivo en torno al *bullying*, un fenómeno complejo que indica violencia en el contexto escolar, pero que, dadas sus debilidades y su uso indiscriminado, inscrita en una lógica universalista, termina borrando formas de violencia que es necesario abordar con nombre, asegurando sus especificidades. Finalmente, en una especie de manifiesto, se crean conexiones desde los estudios de los cuerpos gordos, el activismo gordo, los feminismos negro, gordo y cuir, así como otras perspectivas ontoepistemológicas, pensando en posibilidades que apuntan a orientar la construcción de una práctica educativa centrada en alteridad y diferencia(s).

Palabras clave: estudios de cuerpo gordo; gordofobia; *bullying*; escuela gorda; diferencias.

INTRODUÇÃO

Cena 1: Era uma tarde qualquer, de uma semana qualquer, do ano de 2001. A aula era educação física. Quando se aproximava do horário daquela disciplina, lembro-me de ficar extremamente ansioso. As aulas eram planejadas, única e exclusivamente, em torno de práticas esportivas coletivas, na grande maioria das vezes futebol ou vôlei. Eu era sempre a criança que, na hora da escolha dos times, ficava por último, pois ninguém queria uma *baleia assassina* atrapalhando o jogo. Eu queria muito fazer outra coisa, como por exemplo jogar xadrez. Contudo, professoras e professores não permitiam. Foi assim que, naquele dia, ao nos dirigirmos para a quadra de esportes, a professora disse ter tido uma brilhante ideia para que eu pudesse participar. Como a aula havia sido pensada em torno de um jogo de basquete, e como as cestas que o colégio dispunha eram muito altas, ela decidiu que eu e outra criança, também gorda, seríamos as cestas. Subimos em cadeiras escolares, colocamos nossos braços de forma a imitar uma cesta, e o jogo começou. Fim da história: um braço quebrado. Porém, isso não foi o pior. O pior foi ter servido para ser a cesta de basquete, já que para outras coisas, para aquilo que esperavam de mim, eu não servia. Na verdade, nem para isso eu servi, já que durei poucos minutos (Will Paranhos).

Cena 2: Foi numa aula de educação física. A atividade proposta era um exercício de corrida e estar ali me causava uma ansiedade horrível, porque, de um lado, existia o receio em ser o *show de risos* e, de outro, também queria mostrar que eu podia, que eu conseguia fazer atividade física. Foi numa quadra gigante de um colégio estadual gigante, com a arquibancada lotada que chegou minha vez de correr e eis que caí no asfalto da quadra e me ralei toda. As pessoas riam, e gritavam: *botijão, baleia, miss pig, orca enalbadada...*, a quadra estava cheia de alunes¹ de todos os anos que compunham o horário da manhã, cerca de 200, 300 alunes que lotavam a arquibancada, pois se tratava de jogos abertos que todos assistiam, inclusive as professorias que também riam junto com os alunos. Me senti muito mal, triste e frustrada, porque fui humilhada tentando dar o melhor de mim numa atividade que eu nunca conseguia estar à vontade. Nenhum professor foi falar comigo, me acolher, ouvir... Nunca mais corri na minha vida! [odeio corrida] (Maria Luisa Jimenez-Jimenez)

Nosso texto inicia com duas cenas, vividas pelas autoras, a fim de elucidar momentos extremamente comuns do cotidiano escolar e social. Em um contexto em que, aparentemente, chegamos ao ponto mais alto de nossa jornada — até então — na luta pelo reconhecimento das diferenças - e esperamos que este seja só o começo -, nos parece que alguns aspectos têm passado despercebidos — não propositalmente, assim esperamos —, na grande maioria das vezes. Enquanto orientações afetivo sexuais², por exemplo, não condizentes com a heteronormatividade,

¹ Este texto faz uso de uma linguagem neutra e sem gênero.

² Frisamos somente a despatologização das orientações sexuais por partirmos do entendimento de que a alteração ocorrida na última revisão do código no que diz respeito às identidades de gênero trans, quando tais pessoas saem da

deixaram de figurar no rol dos códigos internacionais de doenças — e não que, como num passe de mágica, os enunciados oriundos do senso comum tenham assumido outro discurso —, corpos³ gordas ainda são patologizadas, medicalizadas e consideradas desviantes da corponormatividade. Na Classificação Internacional de Doenças (CID-11), recebemos o código E66 (Who, 2019), que se refere à *obesidade*⁴.

Partindo de uma perspectiva sócio-histórico-cultural - alicerçada nos direitos humanos - em epistemologias subalternas, estudos de gêneros e em torno de corpos dissidentes, surgem pesquisas/teorias que propõem um novo olhar em torno da *obesidade*, com enfoque em diversos processos biopsicossociais, em que os meios social, cultural, econômico e político assumem lugar estratégico na análise e em propostas de intervenções em cuidado e saúde (Cezar Santolin, 2012; Malu Jimenez-Jimenez, 2020; Fachim, 2022), os quais defendem que o estigma da gordofobia acaba posicionando pessoas gordas para além da margem social, posto que os saberes médicos e educacionais, também sustentados em uma gordofobia estrutural, assumem o uso de uma ideia limitada e equivocada sobre saúde, direitos e subjetividades em torno dessa população.

Dispositivos a fim de nos *resguardar* neste lugar não faltam. Possivelmente, um dos mais conhecidos é o Índice de Massa Corpórea que, a partir de uma equação que divide o peso pela altura vezes a altura ($IMC = \text{peso} : \text{altura} \times \text{altura}$), define quais corpos são doentes e quais corpos são normais. Com base nesta fixação, surgiu o pavor, o horror a tornar-se uma corpa gorda e, conseqüentemente, a todas aquelas pessoas que já o são.

Na escola infelizmente este cenário não é diferente. No processo de *assujeitamento* (Silvio de Almeida, 2019) quando as pessoas são identificadas e diferenciadas (Brah, 2006), não são só as características físicas que definem os agrupamentos específicos, mas uma série de estigmas que a elas se relacionam. Se retornarmos ao relato que abre nosso texto, encontramos cenas bastante comuns nas escolas, sobretudo durante as aulas de educação física ou em momentos dos quais se espera um rendimento físico maior. As crianças gordas ficam por último, são deixadas de lado, pois há uma falsa ideia de que elas não contribuem com a atividade em questão, ou, ainda pior, que seriam um estorvo. Mais do que isso, essas corporalidades precisam estar magras para estar em sociedade, caso contrário, devem ser excluídas, hierarquizadas e humilhadas (Malu Jimenez-Jimenez, 2021).

Em grande parte destes casos, a violência é abrigada em um grande guarda-chuva chamado *bullying*, culminando, não raro, em um apagamento das diferenças, no instante em que as demandas são abordadas de modo universalista. É necessário nomear as violências, a fim de que possamos criar estratégias específicas para combatê-las. Parafraçando o ministro Silvio Almeida em sua cerimônia de posse, pessoas gordas existem, crianças gordas existem, e são extremamente importantes para nós. Por esta razão é que defendemos uma escola que também seja plural, ao incluir as corpos que desviam das normas médicas/estéticas.

categoria de transtornos mentais e são “realocadas” na categoria de condições relacionadas à saúde sexual, classificada como “incongruência de gênero”, não representa uma real despatologização.

³ Optamos por utilizar o termo “corpos gordas” em substituição a corpos gordos. A expressão no feminino oriunda da perspectiva cuir (Estudos *Queer* em Abya Yala - América Latina), emergindo como ressignificação política de seu significado original, e reforça o poder subversivo do termo, de caráter feminista e de linguagem inclusiva, no rompimento do masculino quando estamos nos referindo a mulheres.

⁴ Pensando no uso da linguagem, assim como gênero, raça, classe, sexualidade, deficiência, geolocalização, tamanho, idade, profissão, entre outras interseccionalidades relacionadas às corporalidades gordas, o uso de palavras como “obesidade”, “acima do peso”, “excesso de peso” usaremos com aspas, sempre acompanhadas de uma análise crítica-política. Problematicando o uso dessas palavras/conceitos porque são violentas com as pessoas gordas e rompem seus direitos a serem “tratadas” com respeito e dignidade.

Nosso desejo, com este texto, não é o de apresentar um manual anti-gordofobia, pois de nada adianta a pretensão de criar e aplicar ações em um cenário que ainda não parou para pensar a respeito da violência contra corpos gordas e desconstruir a gordofobia estrutural. Nosso objetivo é propor um exercício difrativo⁵ (Donna Haraway, 1997; Karen Barad, 2007) emaranhado (Karen Barad, 2007) com um panorama auto-etnográfico (Daniel Manzoni de Almeida, 2021) de nossas experiências junto aos estudos das corpos gordas e com o ativismo gordo, a fim de pensarmos em possibilidades outras que nos orientem no desenvolvimento de uma prática educacional cada vez mais voltada à alteridade e à(s) diferença(s).

GORDOFOBIA ESTRUTURAL INSTITUCIONALIZADA NA EDUCAÇÃO

Conforme consta nos depoimentos da introdução deste artigo, as consequências de uma educação gordofóbica, desde a mais tenra infância, que insiste em machucar, humilhar e excluir essas corpos dos espaços educativos, são inúmeras, fazendo-nos acreditar que vários aspectos precisam ser questionados e revistos dentro do contexto escolar — e na sociedade como um todo. Além da maneira como temos nomeado essas violências dentro das escolas — ou melhor, não nomeado —, existem vários outros indícios de que a violência gordofóbica tornou-se estruturada e institucionalizada.

Em 2022, aconteceu o lançamento do livro infantil *Lute como uma gordinhá*⁶ na Faculdade de Educação (FAE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), durante uma aula de didática, em que muitos alunes de licenciatura presenciaram o debate alusivo ao lançamento. No final da atividade, perguntamos se alguma daquelas alunes, de diversas áreas do conhecimento em licenciatura, ou seja, futuros professorias, já tinham ouvido ou debatido alguma questão relacionada à gordofobia na universidade e a resposta foi uníssona: não. Nenhum alune ter estudado, debatido, lido algum material sobre a temática durante sua formação inicial demonstra o quanto nossa educação, independentemente do nível e/ou modelo, não está preparada para a diversidade corporal. A própria professora de didática, que organizava o lançamento/aula, também não conhecia a pauta.

Essa experiência, entre muitas, é que nos faz constatar e defender a urgência de se pensar e propor uma *escola gorda* que se debruce sobre estudos, ações, letramentos e formações em torno dos estigmas oriundos da gordofobia. Além do fato de pessoas gordas perfazerem 60% da população brasileira (IBGE, 2021) — na qual nos incluímos —, a violência com a qual precisamos lidar desde muito cedo é cruel e, infelizmente, ainda representa um tabu em nossa sociedade. A gordofobia é — mas vai além — um preconceito para com pessoas gordas, considerando que essa discriminação é um estigma estrutural, institucionalizado, propagado culturalmente em muitos espaços e contextos sociais na contemporaneidade (Malu Jimenez-Jimenez, 2020), levando pessoas gordas à exclusão social, negando a acessibilidade, patologizando, medicalizando e hierarquizando as pessoas gordas, desde suas infâncias até a fase adulta. Todo esse processo acaba por desvalorizar,

⁵ A difração é um fenômeno físico relacionado às ondas, sejam elas de luz, som, água ou outros. Diferentemente da reflexão — quando a onda é emitida, encontra um obstáculo e reflete, mudando sua direção —, na difração, após o encontro com o obstáculo, a onda cria outros movimentos, como o atravessamento do obstáculo por pequenos orifícios (a onda contrai-se); a transposição pelas margens da barreira; o rebatimento; mas não só mudando de direção, mas de forma, sentido, estrutura e outros. A reflexão é uma maneira de representação, tão somente. Já no fenômeno da difração é que as diferenças surgem (Donna Haraway, 1997; Karen Barad, 2007).

⁶ Jimenez-Jimenez, Maria Luisa; Reis, Cláudia; Gomes, Rosane. *Lute como uma gordinha*. Ilustrações Analu Steffen — Belo Horizonte: Agência de Iniciativas Cidades, 2022. Disponível em <https://aic.org.br/saberes-compartilhados/lute-como-uma-gordinha/>. Acesso em 21 ago. 2023.

humilhar, inferiorizar, e restringir as corpos gordas, de modo geral, levando a perda de direitos. Por se fazer presente em todos os lugares e possuir várias definições que apontam para problemáticas afins, a gordofobia trata-se de um fenômeno social complexo que é, muitas vezes, “[...] disfarçada de preocupação com a saúde, cuidado e amor, dificultando, dessa forma, seu entendimento e embate” (Malu Jimenez-Jimenez, 2021, p. 3), produzindo múltiplos desdobramentos, dentre eles uma série de problemas emocionais, físicos, estruturais e psicológicos. Na escola não tem sido diferente.

Segundo Valdelice Souza e Josiane Gonçalves (2021), a gordofobia é alicerçada pelo discurso médico quando considera que toda corpa gorda é doente. A mídia, por sua vez, potencializa tal lógica ao romantizar a magreza como símbolo de saúde, beleza e felicidade. Assim, o estigma da gordofobia se legitima dentro dos discursos de conhecimento/saberes dentro das escolas, afetando principalmente pessoas designadas ao nascer como do gênero feminino. Na maioria das vezes, essa violência é reconhecida como *bullying*, mas quase nunca encarada como gordofobia.

O ambiente educacional é um contexto em que a gordofobia é propagada não só entre os alunos, mas atinge toda a formação da comunidade escolar. Mães, pais, tutores, professorias, coordenadorias, direção, equipes de limpeza e cozinha, entre outros, todos são atingidos por ela. A escola repete o estigma da gordofobia de diversas maneiras, a exemplo da falta de formações/letramentos sobre a temática ou pela estrutura dos ambientes educacionais que se volta, tão somente, às corpos tidas como *normais*, ou seja, magras.

Se você duvida que a gordofobia se faz presente tão veementemente em nossas vidas, pare neste instante, enquanto você lê nosso texto, e olhe para onde você está sentada. Caso seja uma cadeira, perguntamos: ela comporta uma corpa gorda? Temos quase certeza de que sua resposta foi não. Este é somente um dos vários indícios a respeito de como a sociedade se estrutura a partir de um ideal físico. Na escola, cadeiras, mesas, banheiros, uniformes, todo um arcabouço pensado para comportar crianças, adolescentes e adultos não gordas.

Em que pese a formação inicial das professorias em cursos de licenciatura, inexistem debates sobre as corporalidades gordas e a gordofobia, a não ser quando dentro de uma ideia moral de patologização dessas corpos.

Desde criança, aprendemos em casa com a família e depois nas escolas que o corpo belo e saudável, é o corpo magro. Infelizmente, o corpo gordo nas Instituições de Ensino segue a Gordofobia estrutural e, portanto, repete a exclusão e estigmatiza a criança/adolescente/adulto gordo, causando fobias, medos, traumas, bullying e suicídios. Os profissionais da educação repetem a estigmatização, e de maneira geral não sabem lidar com o preconceito, culpando na maioria das vezes a própria vítima. [...] A estigmatização e exclusão do corpo gordo na escola está presente desde cedo, porque a escola não tem cumprido o seu papel de transgressão do pensamento hegemônico, parece que esse papel fica na responsabilidade da educação superior, já que se “acredita” que pensamento crítico e discussão sobre respeito a diversidade, direitos humanos é coisa de “comunista” e de humanas (Malu Jimenez-Jimenez, Cláudia Reis, 2021, p. 209).

Posto isso, fica evidente que o que temos é uma educação gordofóbica, hierarquizante e violenta com pessoas gordas, desde suas infâncias. Ser uma corpa gorda no mundo é ter que lidar com a gordofobia desde muito cedo, em lugares nos quais se espera algum tipo de acolhimento, tais como a família e a escola. Para mais, na própria construção dos conhecimentos, dentro das instituições de ensino superior, a gordofobia é expressa nos conteúdos, debates e atividades propostas, tal qual percebe-se no lançamento acima mencionado.

Quando falamos que nós, nos acontecimentos reproduzidos em nossos relatos, sofremos *bullying* e não gordofobia, perdemos a oportunidade de debater essa violência, nomeá-la, identificá-la. Ao contrário, escondemos suas características *debaixo do tapete*, invisibilizando a gordofobia e as corpos gordas. Infelizmente essa discussão ainda é um tabu, como mostram nossas experiências dentro das instituições de ensino. Pessoas gordas sofrem com a gordofobia caladas, porque não existem espaços de escutas e acolhimento, além de um pensar-fazer inclusivo que se volte às suas realidades.

BULLYING E UNIVERSALISMO

Durante o primeiro semestre de 2023, uma matéria divulgada pela Folha de São Paulo chamou nossa atenção: “Mato Grosso do Sul vai oferecer cirurgia estética para alunos vítimas de *bullying* na escola” (Aléxia Sousa, 2023, s. p.). A chamada ecoou em nossos pensamentos, haja vista nossas experiências de corpos gordas, e logo nos fez indagar a respeito de que *bullying* é este a que a reportagem fazia referência. A partir daí, iniciamos algumas pesquisas em outros portais de notícias e, para nossa surpresa — ou não —, comprovamos nossa hipótese. O termo *bullying* estava, e está, sendo usado de maneira indiscriminada e acaba apagando uma violência que tem nome: gordofobia.

Figura 1: Notícia



Fonte: Sabrina Oliveira (2018).

Figura 2: Notícia



Fonte: G1 (2015).

Figura 3: Notícia



Fonte: G1 (2022).

Figura 4: Notícia



Fonte: Jornal Estádio (2018).

Figura 5: Notícia



A Fantástica Magia dos Alimentos: cartilha foi criticada por ter conteúdo que promove bullying contra crianças acima do peso. Foto: Editora Amigos

A Prefeitura de São José dos Campos virou alvo de críticas após pais notarem que uma cartilha distribuída na última semana em uma escola municipal da cidade contém um discurso preconceituoso contra crianças obesas.

Fonte: Jornal Estadão (2018).

Bullying, enquanto termo, é proveniente da língua inglesa, “[...] utilizad[o] em quase todo o mundo ocidental para explicar casos específicos de violência escolar” (Pâmela Esteves, 2019, p. 2). Esse fenômeno começa a ser estudado durante a década de 1970, mais especificamente na Suécia, mas somente em 1990 é aprofundado, quando aparecem alguns casos de suicídio, entre jovens e adolescentes em idade escolar, na Noruega.

Existe um discurso banalizador de que tudo se resume a *bullying*, inferência esta que é, teoricamente, rebatida. Para que algo seja considerado *bullying*, alguns pontos devem ser observados: “[...] ações repetitivas contra a mesma vítima; agressões num período prolongado de tempo; desequilíbrio de poder entre o agressor e a vítima; dificuldade da vítima em se defender; ausência aparente de motivos que justifiquem os ataques; atos de violência ocorridos entre pares” (Pâmela Esteves, 2019, p. 2). Dentre suas principais causas, aposta-se no cenário multicultural e, atrelado, na dificuldade do reconhecimento das diferenças (Pâmela Esteves, 2016), cada vez mais presentes no espaço educacional, bem como a banalização do mal (Pâmela Esteves, 2015), acelerada por meio dos discursos de ódio que têm sido normalizados em nosso contexto (William Paranhos, 2022).

Sabe-se que a escola é um reflexo do social, em que, também, a complexidade e a pluralidade das relações fazem-se presentes. Contudo, parece “[...] que temos caminhado a passos lentos no sentido de acolher a diversidade cultural, sobretudo quando se considera a rapidez com que assumimos práticas preconceituosas, racistas, estereotipadas ou xenofóbicas diante do ‘outro’” (Maria José da Silva, Maria Rejane Brandim, 2008, p. 54). A convivência na/com a alteridade, a condição daquilo que é de outro, têm sido distorcidas, culminando na *outrorização* que, para Ingrid Pavezi (2014), apresenta-se como o estabelecimento de um contato permeado pelo *exotismo*, atribuindo características estigmatizadoras que colocam o outro na posição de subalternidade. Ou ainda, consoante a Thiago Ranniery (2022, p. 31), “[...] a diferença é tomada em termos de ‘outros’ dentro de um regime de alterização, em uma espécie de recalcitrância que, de ponta a ponta, é exposta como parte da gramática colonial moderno”.

O cenário multicultural não é novo. Em face do racismo e da inexistência de direitos por parte da população negra é que, nos Estados Unidos, ainda no final do século XIX, surge a noção de multiculturalidade, posteriormente ampliada e relacionada com outros grupos minorizados, a qual tem por premissa o reconhecimento de diversas culturas, colocadas em contato, mas mantendo suas margens bem delimitadas (Lisette Weissmann, 2018). “Os precursores do

multiculturalismo foram professores doutores afro-americanos, docentes universitários na área dos Estudos Sociais que trouxeram, por meio de suas obras, questões sociais, políticas e culturais de interesse para os afrodescendentes” (Maria José da Silva, Maria Rejane Brandim, 2008, p. 56), o que, em vista do exposto, possibilitou o surgimento de um proeminente campo de estudos.

Quase um século depois, especialmente entre os anos de 1980 e 1990, com a eclosão das perspectivas pós-modernas, é que a educação, e mais especificamente o campo dos estudos curriculares, irá voltar-se a esta nova lente teórica, no instante em que o currículo passa a pautar-se em um discurso “[...] que valoriza a mistura e o hibridismo de culturas, a pluralidade e as diferenças culturais. [Nele], [a] celebração da diferença se constitui [em] uma de suas ideias básicas” (Maria José da Silva, Maria Rejane Brandim, 2008, p. 58). Algumas pesquisas (Pâmela Esteves, 2015; Pâmela Esteves, 2016) consideram que assumir tal horizonte multiculturalista é exatamente o melhor meio que temos para combater o *bullying* escolar.

Ocorre, no entanto, que a partir do multiculturalismo, surge um embate entre as concepções filosóficas universalistas e relativistas. De maneira sintética, o relativismo defende que não existem realidades e/ou verdades absolutas que não estejam diretamente relacionadas às construções socioculturais. O universalismo, por sua vez, e ao contrário, acredita que existem sim alguns valores que independem da cultura e da formação social. Mesmo diante deste campo de tensões, nem sempre inteligíveis e, portanto, nem sempre percebidas, a escola segue pensando e criando estratégias que tenham como objetivo final o estabelecimento de relações cada vez mais igualitárias (Ana Canen, 2007).

Igualdade. É este o termo que provoca Carla Akotirene (2019); Édis Lapolli, Will [William Roslindo]⁷ Paranhos, Inara Willerding (2022); Will [William Roslindo] Paranhos, Nágila Aguiar, Eduarda dos Santos (2021) a realizarem alguns questionamentos. Em suma, para as autoras a igualdade tem sido utilizada dentro de uma perspectiva universalista como forma de homogeneizar os mais distintos grupos, provocando o apagamento das diferenças, o que, por sua vez, traduz-se em mais uma, e talvez a mais virulenta, forma de violência. Nas palavras de Carla Akotirene (2019, p. 45), o universalismo, na verdade, nos dá uma “[...] falsa impressão de existir empatia e homogeneidade” na diferença. A diversidade multicultural:

[...] que se constitui de algum modo como uma harmônica colagem de esferas culturais benígnas é uma modalidade conservadora e liberal de multiculturalismo que, a meu ver, merece ser jogada fora. Quando tentamos transformar a cultura num espaço imperturbado de harmonia e concordância, onde as relações sociais existem dentro da forma cultural de um acordo ininterrupto, endossamos um tipo de amnésia social onde esquecemos que todo conhecimento é forjado em histórias que se desenrolam no campo dos antagonismos sociais (Peter McLaren, 1992, s. p. *apud* bell hooks, 2017, p. 47).

Faz-se extremamente necessário compreendermos que é neste quadro que a noção de *bullying* surge e começa a ser estudada, levando-nos, mais uma vez, às manchetes anteriores. Em nenhuma delas a gordofobia é lida/tida como tal, mas sendo apresentada como se tratando de mais uma das diversas formas assumidas pelo *bullying* escolar. O estudo desenvolvido por Lília Schraiber *et al.* (2003), se desenha justamente no sentido de demonstrar a importância de que as violências - no caso específico da pesquisa, a violência contra as mulheres, mas que aqui ampliamos - sejam nomeadas a fim de que se torne possível combatê-las com os instrumentos específicos.

⁷ Na época da publicação, e autorie se identificava como homem cis *gay*. Em virtude de atualmente identificar-se enquanto pessoa não-binária, colocamos a citação de origem entre colchetes, o que será feito em todas as posteriores.

O uso de silêncio, do não dito, ou seja, a não nomeação da violência é uma prática extremamente comum, utilizada em muitos casos, inclusive, como uma estratégia no combate aos próprios atos violentos. Todavia, para Fabrício Guimarães, Gláucia Diniz e Fábio Angelim (2017), a não nomeação reforça o *não ver* e, se não vemos algo, consideramos que ele não existe. Deste modo, as violências passam despercebidas e continuam a ser reproduzidas no cotidiano.

Apesar de aterem-se ao chamado *bullying* homofóbico, Hugo Santos, Sofia da Silva e Isabel Menezes (2017, p. 119, grifos do original) apresentam algumas considerações bastantes pertinentes que também nos levam a rever o conceito em questão. Para as autoras, o *bullying* é “[...] incapaz de ilustrar, descrever e explicar todas as formas de violência homofóbica (e, sobretudo, heteronormativa) da e na escola que não podem ser confinadas a uma noção restritiva e monolítica de *bullying*”. Deslocando o debate para o campo da gordofobia, tal incapacidade também é percebida, ao considerarmos o fato de este tipo de violência não se apresentar, tão somente, de maneiras e em formatos intencionais, mas estar, em grande parte das vezes, ligado a aspectos estruturais e, em se tratando da escola, institucionalizados.

De acordo com Marcos Francisco e Renata Libório (2015, p. 22), os conceitos fundamentais em torno do *bullying* escolar estão ainda relacionados a concepções que não englobam os aspectos sociais e culturais, “[...] como se o fenômeno fosse reflexo da relação imediata entre dois indivíduos abstratos”. Deste modo, é imprescindível, ainda para as autoras, que a escola desenvolva um trabalho que possibilite lidar com as questões estruturantes que levam à concretização da violência, seja ela direta ou indireta, rompendo “[...] com o caráter abstrato e universalista presente em tal constructo social” (Marcos Francisco, Renata Libório, 2015, p. 10), adotando uma perspectiva interseccional (Will Paranhos, Elizabeth Macedo, 2023).

A escola, a mídia e a sociedade, porém, seguindo a lógica neoliberal universalista, “[...] insiste[m] em negar as diferenças sob a égide da uniformização” (Pâmela Esteves, 2019, p. 5). Quando um estudante sofre por ser xingado de “[...] bolo fofo” (G1, 2022, s. p.), quando uma estudante é chamada, pejorativamente, de *gorda* pelo professor durante a aula (G1, 2015, s. p.), quando uma secretaria de educação decidiu imprimir cartilhas que comparam crianças gordas a botijões de gás (Estadão, 2018), ou, atingindo o nível máximo da violência, quando uma adolescente se suicida por “[...] não aguentar mais” (Sabrina Oliveira, 2018, s. p.), não há *bullying*, mas gordofobia!

“POR UMA ESCOLA GORDA!”: CRIANDO POSSIBILIDADES E APROXIMANDO-SE DA(S) DIFERENÇA(S)

Nesta seção final, nos ancoramos nos estudos do *corpo gordo*, campo epistemológico que questiona o preconceito estrutural que alicerça os estudos calcados no paradigma da *obesidade*, provocando-nos a pensar de diferentes maneiras a respeito das corpas, além de se lançar na construção de outros modos de olhar para essas corporalidades e produzir conhecimento sobre elas. A pesquisa *Gorda*⁸ - *estudos transdisciplinares das corporalidades gordas* é um exemplo de espaço construído sobre tais alicerces. Nela, pessoas pesquisadoras das corpas gordas, além de denunciarem os casos de gordofobia, propõem-se a pensar em novas epistemologias em torno das corporalidades.

Sendo assim, “Por uma escola gorda!” tem um ar de manifesto. Somos corpas gordas que experienciamos na escola, e experienciamos na sociedade, os reflexos nefastos oriundos da violência

⁸ O *pesquisa Gorda* é um grupo de estudos composto por pesquisadoras gordes de todo o Brasil e de diversas áreas de conhecimento. Mais informações em <https://pesquisagordegp.wixsite.com/gordes>.

gordofóbica. Fomos crianças levadas a acreditar que nossas corpos não *prestavam*, não *serviam*. Éramos feias, não éramos merecedoras de cuidados, amizades, amores. E éramos culpades por isso tudo, “[...] por não ser mais magro [...], não ser o que eu deveria ser. E isso só aumentava meu ódio contra o meu corpo numa severa tentativa de ser quem as pessoas falavam que eu deveria ser (Wilker Ramos-Soares, 2021, p. 5). Se sofríamos, era porque não nos dedicávamos o bastante para emagrecer, porque éramos preguiçosos demais, guloses demais, medrosos demais e, sempre demais, fomos construindo ideias e percepções equivocadas sobre nós mesmas (Wilker Ramos-Soares, 2021).

Nosso desejo não é o de criar ou definir nada, pois acreditamos que a fixação consiste, também, numa forma requintada de colonização, impossibilitando novos emaranhamentos. O que queremos é apresentar caminhos outros, explorar “[...] elementos para re-elaborarmos estratégias de sobrevivência y ataque no interior da atmosfera tóxica do regime racista e cis-heterossexista colonial” (abigail Campos Leal, 2021, p. 113) — regime este que é corponormata⁹ —, lançarmos a novas possibilidades que (re)pensem as tessituras do campo curricular, abrindo a escola às novas, e sempre fluidas, formas de alteridade.

A articulação de discursos que não se atenham somente às críticas é urgente, pois focar no negativo, naquilo que deu errado, é uma maneira de reforçar os sistemas hegemônicos que nos subalternizam (Marlene Wayar, 2021), traduzindo-se “[...] em prova cabal da vitória normativa” (Thiago Ranniery, 2022, p. 32) sobre os dispositivos curriculares, motivo pelo qual passamos a imaginar como seria uma escola que percebe e valoriza as distintas corporalidades existentes, o que, afetuosamente, decidimos chamar de *escola gorda*.

Em se tratando de um campo transdisciplinar, os estudos do corpo gordo, e a escola gorda, por nós proposta, busca no feminismo negro de bell hooks (2018, local. 15) algumas de suas bases.

[Se u]ma revolução feminista sozinha não criará esse mundo; precisamos acabar com o racismo, o elitismo, o imperialismo. Mas ela tornará possível que sejamos pessoas – mulheres e homens – autorrealizadas, capazes de criar uma comunidade amorosa, de viver juntas, realizando nossos sonhos de liberdade e justiça [...]. Aproxime-se. [...] Aproxime-se e verá: o feminismo é para todo mundo.

Assim o é com uma *escola gorda*. Pensar em novas corporalidades não se traduz em um exercício que tornará possível o reconhecimento das corpos gordas, tão somente, mas também de outras constituições e construções corporais que diariamente surgem e se reinventam, resguardando seu direito à diferença, direito este que é intocável, inalienável e irrevogável. E, nesse processo, a *escola gorda* também luta contra todos os tipos de violências. Somos contrárias ao racismo, ao sexismo, ao elitismo, à LGBTIAP+ e *queerfobia*, à aporofobia, e tantos quantos outros locais de poder e dominação existirem.

A *escola gorda* entende que o feminismo gordo, localizado numa perspectiva epistemológica decolonial, propõe romper com o regime político de saber-poder, de ciência única e com a hierarquização de saberes, intencionando formas subalternas de sobreviver, de construir saberes, novas maneiras de viver, em que se opõe a uma educação que dociliza as corpos, tornando-as obedientes e silenciadas. Assim, agimos de modo a livrar o pensamento das amarras coloniais, libertando-nos da culpa em nós cravada, dado o fato de sermos corpos dissidentes, possibilitando um novo modo de compreender-se e colocar-se no mundo (Malu Jimenez-Jimenez, 2022).

⁹ Expressão utilizada, sobretudo pelo movimento das pessoas com deficiência, para referir-se a alguém que opera pela lógica da colonização e normalização das corpos.

Em um paralelo a Wilker Ramos-Soares (2021), a *escola gorda* opera numa tentativa de que todes, todas e todos reconheçam seus privilégios, expressos em suas corporalidades, entendendo, no entanto, que estes não anulam as dissidências em virtude das corpas gordas ou de qualquer outra que se apresente. Nessa escola, “[...] fazemos rotas de fuga com trocas de afago” (Tatiana Nascimento, 2019, p. 31-32), tomamos as opressões pelos chifres e torcemos, giramos, fraturamos, mas sempre pela amorosidade e pela afetação. Amor não romântico, mas aquele que indica a potência existente nas comunidades, agrupamentos e relações (bell hooks, 2017).

A *escola gorda* busca morada na educação transgressora de bell hooks, propondo o contínuo exercício de romper com as fronteiras impostas pela colonização das corpas, dos saberes e dos sentires. Nela, todes, todas e todos são capazes de aprender, buscando “[...] não somente o conhecimento que está nos livros, mas também o conhecimento acerca de como viver no mundo” (bell hooks, 2017, p. 27). Nossa proposta pedagógica é engajada (bell hooks, 2017), resistente e sustentada no contrapositionamento, o qual “[...] refuta os pontos de vista e as crenças da cultura dominante e, por isso, é orgulhosamente desafiador” (Gloria Anzaldua, 2019, p. 324).

Neste processo contínuo, pois nunca se encerra, de senti-pensar (Raul Ferrera-Balanquet, 2015) a educação, enfatizamos a busca pelo bem-estar de todes, ampliando a percepção que temos de que ações que miram no bem viver devem se desenhar somente em torno do corpo discente. Se vivemos em confluência, não há como constituir o bem-estar de ume enquanto outre sofre. Em nossa escola, primamos pelo “[...] processo de autoatualização” (bell hooks, 2017, p. 28) com/para todes, todas e todos.

Porém, neste para todes, a *escola gorda* vigia para que não caia em perspectivas universalizantes. Primamos pelo “[...] e/u otobiográfico, esse nome provisório para algo que está sempre y já diferenciando-se, esfacelando-se, y arquivando isso. a inteireza esfacelada do meu corpo arquiva as mudanças dos meus e/us afetados pelas outrizações raciais y de gênero” (abigail Campos Leal, 2021, p. 77, grifos do original), somando-se, também, as outrizações corponormatas. Percebemos e reconhecemos nosso esfacelamento, mas adotamos posturas outras que nos possibilitem pensar em outros contextos, outros mundos, guiades pelo exercício imaginativo e criativo. Com os estilhaços (Jota Mombaça, 2021), artesanalmente, criamos mosaicos e vitrais.

A escrita deste texto se deu por inúmeros motivos. Relembrar nossas infâncias gordas é, também, uma maneira de se curar das violências que sofremos no passado. Porém, nosso objetivo maior não é olhar para as dores, mas sim propor uma guinada discursiva (Marlene Wayar, 2021) que nos possibilite a construção de outros caminhos, de outros saberes, de outros fazeres e sentires. Escrevemos com emoção, pois é isso o que vaza de nossas corpas gordas e transbordantes.

“Seguimos, nos delírios de uma criação solitária y coletiva, afirmativa y frustrada, quebrada y ajuntada, produzindo *ontografias esfaceladas* de refeituras que não mais se deixam inscrever nas onto/*logias* negativas e essencialistas, brancas. Sigo, seguimos, *escuire.sendo*” (abigail Campos Leal, 2021, p. 132, grifos do original). Assim, numa releitura, desde já, engordurada, pela construção de uma ontoepistemologia gorda, seguimos, solitárias e juntas, em imensidões gordosféricas, militando e acreditando nas potências existentes em todas as formas que transbordam os limites hegemônicos. Seguimos, sigamos, engorde.sendo.¹⁰

¹⁰ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — Brasil (CAPES) — código de financiamento 001, e com financiamento do CNPQ no pós-doutorado (PDJ) pela pós-graduação Eicos em psicossociologia na UFRJ, com o projeto “Obesidade: o estigma da gordofobia em saúde”.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ALÉXIA SOUSA. Mato Grosso do Sul vai oferecer cirurgia estética para alunos vítimas de bullying na escola. Folha de São Paulo, 2023. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/05/mato-grosso-do-sul-vai-oferecer-cirurgia-estetica-para-alunos-vitimas-de-bullying-na-escola.shtml>. Acesso em 11 ago. 2023.
- ALMEIDA, Silvio de. Prefácio da edição brasileira. In: HAIDER, Asad. *Armadilha da identidade: raça e classe nos dias de hoje*. Tradução de Leo Vinicius Liberato. São Paulo: Veneta, 2019. p. 7-19.
- ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza. Rumo a uma nova consciência. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 397-410.
- BARAD, Karen. *Meeting the universe halfway*. Durham: Duke University Press, 2007.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*, v. 1, n. 26, 2006. p. 329-376.
- BRASIL. IBGE. Coordenação de Trabalho e Rendimento. *Pesquisa Nacional de Saúde: 2019 - ciclos de vida*. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.
- CANEN, Ana. O multiculturalismo e seus dilemas: implicações na educação. *Comunicação e política*, v. 25, n. 2, 2007. p. 91-107.
- ESTADÃO. *Escola distribui cartilha que compara criança gorda a botijão de gás*. 2018. Disponível em estadao.com.br/emails/comportamento/escola-distribui-cartilha-que-compara-crianca-gorda-a-botijao-de-gas/. Acesso em 25 ago. 2023.
- ESTEVEES, Pâmela Suélli da Motta. O bullying no contexto brasileiro: notas e referências. *Revista Educativa*, [s. l.], v. 22, n. 1, dez. 2019. p. 1-22.
- ESTEVEES, Pâmela Suélli da Motta. O não reconhecimento da diferença e a banalidade do mal como expressões do bullying. *IV Colóquio Internacional Educação, Cidadania e Exclusão: didática e avaliação*, 2015. Disponível em [https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/ceduce/2015/Trabalho ev047 md1 sa7 id85 2 04052015153622.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/ceduce/2015/Trabalho%20ev047%20md1%20sa7%20id85%2004052015153622.pdf). Acesso em 22 maio 2023.
- ESTEVEES, Pâmela Suélli da Motta. O (não) reconhecimento da diferença: o bullying como um desafio das sociedades multiculturais. *Revista Eletrônica Pesquisa Educa*, v. 8, n. 16, 2016. p. 440-457.
- FACHIM, Felipe Luís. *Narrativas sobre o (meu) corpo gordo: estudo autoetnográfico rumo a uma psicologia gorda*. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.
- FERRERA-BALANQUET, Raúl M. et al. (org.). *Andar erótico decolonial*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2015.
- FRANCISCO, Marcos Vinicius; LIBÓRIO, Renata Maria Coimbra. Notas sobre alguns desdobramentos necessários nos programas de combate ao *bullying* escolar: uma análise histórico-cultural. *Interações*, Lisboa, n. v. 38, 2015. p. 7-27.
- G1. Aluna é chamada de 'gorda' e sofre *bullying* de professor durante a aula. *G1*, 2015. Disponível em <https://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2015/10/aluna-e-chamada-de-gorda-e-sofre-bullying-de-professor-durante-aula.html>. Acesso em 21 ago. 2023.
- G1. Estudante xingado de 'gordo' e 'bolo fofo' compartilha sofrimento após ser vítima de bullying e cyberbullying. *G1*, 2022. Disponível em <https://g1.globo.com/sp/santos->

[regiao/noticia/2022/06/11/estudante-xingado-de-gordo-e-bolo-fofo-compartilha-sofrimento-apos-ser-vitima-de-bullying-e-cyberbullying.ghtml](#). Acesso em 21 ago. 2023.

GUIMARÃES, Fabrício Lemos; DINIZ, Glaucia Ribeiro Starling; ANGELIM, Fabio Pereira. "Mas ele diz que me ama...": duplo-vínculo e nomeação da violência conjugal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 33, 2017. p. 1-10

HARAWAY, Donna. Modest_witness@second_millennium.FemaleMan©_meets_oncoMouse. Feminism and Technoscience. Disponível em https://monoskop.org/images/6/65/Haraway_Donna_J_Modest_Witness_Second_Millennium_1997.pdf. Acesso em 21 ago. 2023.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras* [recurso eletrônico]. Tradução Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa. Filosofia gorda: por epistemologias engorduradas. In: *Anais da Pesquisa Gorda: ativismo, estudo e arte. Anais...* Rio de Janeiro, UFRJ, 2022. Disponível em <https://www.even3.com.br/anais/congressopesquisagorda2022/510863-Filosofia-gorda-por-epistemologias-engoduradas>. Acesso em 24 ago. 2023.

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa. Gordofobia: injustiça epistemológica sobre corpos gordos. *Revista Epistemologias do Sul - UNILA*, v. 4, n. 1, 2021. p. 144-161. Disponível em <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/2643/2534>. Acesso em 14 ago. 2023.

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa; REIS, Claudia. Gordofobia na escola: lute como uma gordinha. In: OLIVEIRA, Vanilda Maria; FILGUEIRA, André Luiz de Souza; SILVA, Lion Marcos Ferreira (org.). *Corpo, corporeidade e diversidade na educação*. Uberlândia: Cultrix, 2021. p. 201-217. Disponível em <https://doi.editoracubo.com.br/10.4322/978-65-86889-06-2>. Acesso em 14 ago. 2023.

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa. *Lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos*. 2020. Doutorado (Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea – ECCO) - Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Cuiabá, MT, Brasil. Disponível em <http://lutecomoumagorda.home.blog/tese-de-doutorado-lute-como-uma-gorda-gordofobias-resistencias-e-ativismos/>. Acesso em 14 ago. 2023.

LAPOLLI, Édis Mafra Lapolli; PARANHOS, William Roslindo; WILLERDING, Inara Antunes Vieira. *Diversidades: o bê-á-bá para a compreensão das diferenças*. Florianópolis, Santa Catarina: Editora Pandion, 2022.

LEAL, abigail Campos. *ex/orbitâncias: os caminhos da deserção de gênero*. São Paulo: GLAC Edições, 2021.

MANZONI-DE-ALMEIDA, Daniel. *Uma análise autoetnográfica da leitura da obra a vida de Galileu de Bertold Brecht: o desenvolvimento de um anticorpo político*. 2021. 255 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Teoria e História Literária, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2021.

NASCIMENTO, Tatiana. *Cúrlombismo literário: poesia negra lgbtqi desorbitando o paradigma da dor*. São Paulo: N-1, 2019.

SABRINA OLIVEIRA. Adolescente vítima de bullying se suicida por ‘não aguentar mais’. *Amazonas1*, 2018. Disponível em <https://amazonas1.com.br/adolescente-vitima-de-bullying-se-suicida-por-nao-aguentar-mais/>. Acesso em 21 ago. 2023.

PARANHOS, Will; MACEDO, Elizabeth. Mapeamento da produção na pós-graduação nacional acerca do *bullying* homofóbico na escola. *Diversidade e Educação*, [s. l.], v. 11, n. 1, 2023. p. 69-98. DOI: [10.14295/de.v11i1.15420](https://doi.org/10.14295/de.v11i1.15420).

PARANHOS, William Roslindo; AGUIAR, Nágila Espíndola; SANTOS, Eduarda Brito dos; Diversidade e inclusão em organizações de saúde: como, quando e para quem? *Cadernos de Gênero e Diversidade*, v. 7, n. 3, 2021. p. 246-271.

PARANHOS, William Roslindo. O discurso de ódio em tempos de pós-verdade: barreiras à prática pedagógica em prol das (des)identidades dissidentes. *Diversidade e Educação*, [s. l.], v. 9, n. 2, 2022. p. 246-265. DOI: [10.14295/de.v9i2.13623](https://doi.org/10.14295/de.v9i2.13623). Disponível em <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/13623>. Acesso em 18 ago. 2023.

PAVEZI, Ingrid Berns. Ampliando as possibilidades metodológicas de pesquisa: possíveis contribuições de decolonizing methodologies para o contexto brasileiro de produção de conhecimento. *Sociologias Plurais*, v. 2, n. 2, 2014. p. 152-162.

RANNIERY, Thiago. Ecoar o possível: do currículo queer a queerização da teoria de currículo. *Aceno - Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, v. 9, n. 21, 2022. p. 27-44.

SANTOLIN, Cezar Barbosa. *O nascimento da obesidade: um estudo genealógico do discurso patologizante*. 2012. 173 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

SANTOS, Hugo Miguel; SILVA, Sofia Marques da; MENEZES, Isabel. Para uma visão complexa do *bullying* homofóbico: desocultando o cotidiano da homofobia nas escolas. *ex aquo*, n. 36, 2017. p. 117-132. DOI: <https://doi.org/10.22355/exaequo.2017.36.07>.

SCHRAIBER, Lilia; D'OLIVEIRA, Ana Flávia; HANADA, Heloísa; FIGUEIREDO, Wagner; COUTO, Márcia; KISS, Lígia; DURAND, Júlia; PINHO, Adriana. Violência vivida: a dor que não tem nome. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, v. 7, 2003. p. 41-54.

SILVA, Maria José Albuquerque da; BRANDIM, Maria Rejane Lima. Multiculturalismo e educação: em defesa da diversidade cultural. *Diversa*, v. 1, 2008. p. 51-66.

SOARES, Wilker Ramos. A escola foi o lugar mais tóxico para meu corpo transitar: autoetnografia de um corpo gordo na escola. *Anais do Simpósio Internacional de Ensino de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras*, v. 2, n. 1, 2021. p. 1-15.

SOUZA, Valdelice Cruz da Silva; GONÇALVES, Josiane Peres. Gordofobia no espaço escolar: uma análise histórico-cultural. *Revista Ciências Humanas - UNITAU*, Taubaté, São Paulo - Brasil, v. 14, e25, 2021. p. 1-13.

WAYAR, Marlene. *Travesti: una teoría lo suficientemente buena*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Muchas Nuances, 2021.

WEISSMANN, Lisette. Multiculturalidade, transculturalidade, interculturalidade. *Construção psicopedagógica*, v. 26, n. 27, 2018. p. 21-36.

WHO. World Health Organization. ICD-11 for mortality and morbidity statistics. Version: 2019 April. Geneva: WHO, 2019. Disponível em <https://icd.who.int/browse11/l-m/en>. Acesso em 24 ago. 2023.

Submetido em agosto de 2023
Aprovado em novembro de 2023

Informações des autories

Will Paranhos (William Roslindo Paranhos)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
E-mail: williamroslindoparanhos@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4454-4272>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7094765022889634>

Maria Luisa Jimenez-Jimenez
Universidade Federal do Rio de Janeiro
E-mail: malujjimenez@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3234-867X>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3345524286303842>